

CIRCLE K CYCLES: UMA DIÁSPORA À BRASILEIRA NA OBRA DE KAREN YAMASHITA

Cláudio Roberto Vieira Braga

(Mestre em Letras e Doutorando em Literatura Comparada, UFMG)

RESUMO: A intenção deste trabalho é oferecer uma discussão sobre a diáspora, a partir de seus aspectos consensuais, presentes nos estudos de teóricos como Safran (1991), Tölölyan (1996), Clifford (1994) e Cohen (1995,1999). Enfatizo aqui a necessidade de maior rigor no uso do termo diáspora, ao mesmo tempo em que analiso, no livro *Circle K Cycles*, a representação ficcional de uma formação diaspórica brasileira. Nesta obra, da escritora nipo-americana Karen Yamashita, identifico e problematizo a diáspora por meio de características como a dispersão e suas razões, as relações com a terra natal, os conflitos no país hospedeiro, o mito do retorno e a consciência de grupo étnico.

Palavras-chave: diáspora, nipo-brasileiros, Karen Yamashita

1. Introdução

Diáspora é uma palavra antiga para a qual se tem adicionado um tempero moderno nas discussões acadêmicas. Entretanto, o termo tem sido empregado na descrição de fenômenos variados de dispersão populacional, que nem sempre podem ser chamados de diáspora. Para Stéphane Dufoix (2003), “diáspora é, atualmente, um termo tão instável que não é raro observar uma quantidade de alterações semânticas em um único texto, às vezes em um mesmo parágrafo” (DUFOIX, 2003, p. 54).¹ Por isso,

Robin Cohen (1999) sugere que, inicialmente, é preciso compreender a diáspora em seus aspectos mais elementares, como desejo fazer neste trabalho.

O conceito de diáspora é inerente às questões de mobilidade humana contemporâneas. Khachig Tölölyan (1996), editor do periódico *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*, vê nas comunidades diaspóricas a representação típica do momento transnacional em que vivemos.² Apesar disso, Tölölyan (1996) sempre introduz suas discussões sobre o assunto lembrando que as diásporas clássicas – a grega, a armênia e a judaica – são anteriores à formação dos estados nacionais.³ Por isso, não se deve limitar o debate da diáspora à relação com o Estado-Nação ou ao transnacionalismo, ainda que esta seja, de acordo com Tölölyan (1996), uma tendência atual.

O fato é que o conceito de diáspora é marcado por incertezas. Na introdução a *The Penguin Atlas of the Diasporas*, Gérard Chaliand e Jean-Pierre Rageau (1997) ressaltam “como é difícil, em muitos casos, encontrar um conceito que faça uma distinção clara entre uma migração e uma diáspora, ou entre uma minoria e uma diáspora” (CHALIAND, RAGEAU, 1997, p. xiii). Avtar Brah e Stuart Hall, por sua vez, utilizam expressões como conceito “escorregadio” (BRAH, 1996, p. 179), “heterogêneo e diverso” (HALL, 1997, p. 312), ao sugerirem uma definição para diáspora.

William Safran (1991) marcou a recente teorização sobre o tema ao publicar, em 1991, o artigo “Diaspora in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”.⁴ O autor se debruça sobre a tarefa de definir a diáspora de forma a descrever as comunidades expatriadas, a partir de determinadas características: dispersão de um centro para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras; manutenção de uma memória coletiva, perspectiva comum e mito sobre a terra natal; crença de que a

aceitação plena na sociedade anfitriã não é possível; respeito pela terra natal ancestral como o lar verdadeiro ou ideal e destino de um eventual retorno; compromisso com a manutenção ou restauração da terra natal, sua segurança e prosperidade; e relação pessoal ou indireta que continua a existir com a terra natal por meio de uma consciência étnico-comunitária (SAFRAN, 1991, p. 83-84). Além, é claro, da dispersão geográfica, percebe-se, nessas características, a ênfase à ideia de uma memória coletiva sobre a terra natal e de um passado, ainda que mítico, os quais Safran ilustra com vários exemplos de diásporas.

Mais tarde, Cohen (1999) também elabora uma lista de características comuns às diásporas, semelhantes às de Safran (1991), mas com três novos aspectos:

2. [...] uma expansão para além de uma terra natal à procura de trabalho, em busca de comércio ou por futuras ambições coloniais.
[...]
8. Um senso de empatia e solidariedade com membros de mesma etnia em outros países de assentamento.
9. A possibilidade de uma vida peculiar, até mesmo enriquecedora e criativa, nos países anfitriões com uma tolerância para o pluralismo. (COHEN, 1999, p. 274).

Os atributos 2, 8 e 9 de Cohen (1999), somados aos de Safran (1991), constituem a base da investigação que aqui me proponho, tendo o livro *Circle K Cycles*, de Yamashita, como objeto de estudo. A obra possui um prólogo, seis seções e um epílogo. Cada seção apresenta capítulos curtos, misturando relatos de viagens da autora e contos. O conjunto da obra, um híbrido de ficção e não-ficção, é o resultado de uma viagem de seis meses que Yamashita fez ao país de seus avós, em 1997, cuja finalidade principal era “conhecer e entender a comunidade brasileira que vive no Japão” (YAMASHITA, 2001, p. 11). A própria autora oferece sua definição para *Circle K Cycles*: “um esforço para pintar um quadro o mais variado e texturizado possível da vida que vi e experimentei durante aquele tempo” (YAMASHITA, 2001, p. 11). Para atingir o objetivo, Yamashita

lança mão de recursos expressivos variados: colagens de fotos, ilustrações, camisetas, publicidade, cadernos, manchetes, notícias e anúncios de jornal. Tudo se apresenta em três diferentes línguas: inglês, português e japonês.

O emaranhado literário de *Circle K Cycles* é o berço para uma comunidade diaspórica e seus sujeitos hifenizados. Precisamente, é do hífen que separa e une o substantivo composto “nipo-brasileiro” que nasce o questionamento: a experiência de mobilidade vivida pelos brasileiros de origem japonesa é um fenômeno da diáspora brasileira ou seria a diáspora da diáspora japonesa? O que ocorre em uma formação diaspórica dupla – a diáspora de uma diáspora – em que sujeitos são constituídos por sua própria experiência de mobilidade, somada à de seus antepassados? O que é, afinal, uma “diáspora brasileira”?

A mobilidade de brasileiros constitui um fenômeno pouco estudado à luz da teoria da diáspora, talvez por ser muito recente. Os principais teóricos da diáspora dos anos 90 não mencionam os movimentos migratórios brasileiros como exemplos de diáspora. Todavia, o fato de não ter sido investigada não significa que seja inexistente, ou que não possa ser analisada com tal base teórica. Clifford, por sinal, assinala que a teorização da diáspora “está sempre inserida em mapas e histórias específicos” (CLIFFORD, 1994, p. 215). Investigar, portanto, o caso brasileiro é uma tarefa paradoxal: buscar semelhanças com outras diásporas para identificar as diferenças histórico-culturais que a caracterizam. Mas Clifford (1994) também assegura que a teoria da diáspora tem sido, em grande parte, desenvolvida por analogia, enfatizando que seu próprio ensaio “empenha-se em manter um escopo comparativo” (CLIFFORD, 1994, p. 215), o que me inspira a fazer o mesmo neste artigo.

O antropólogo Daniel Linger (2001) também entende o deslocamento de brasileiros, a partir da década de 80, como uma diáspora. Em *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan* (2001), ele classifica a comunidade nipo-brasileira em território japonês como a “terceira maior *diáspora brasileira* (170.000)” (LINGER, 2001, p. 24, grifo nosso), atrás das comunidades nos Estados Unidos (610.000) e no Paraguai (325.000).⁵ Dois anos depois, no artigo “Do Japanese Brazilians Exist?” (2003), Linger problematiza a questão, mas partindo da hipótese de que os nipo-brasileiros são, na verdade, japoneses e, portanto, estariam retornando à terra natal. Sua conclusão, entretanto, reforça a perspectiva adotada neste artigo: “Japoneses diaspóricos são, eu creio, uma raridade” (LINGER, 2003, p. 211). Observa-se que Linger (2003) percebe os nipo-brasileiros como um grupo ainda a ser definido, pois os vê desprendidos de sua ancestralidade japonesa, daí sua afirmação de que não são japoneses diaspóricos. Em minha apreciação, os nipo-brasileiros no Japão são uma comunidade que é parte de uma diáspora brasileira, iniciada nos anos 80, conforme verifico no estudo de *Circle K Cycles*.

2. Caracterizando a diáspora em *Circle K Cycles*

Safran (1991) e Cohen (1995) partem da premissa de que uma diáspora deve constituir uma dispersão que tenha início em uma terra natal e que o grupo em movimento se desloque para duas ou mais regiões estrangeiras. *Circle K Cycles* não menciona o contexto global da diáspora brasileira, mas a caracterização de outras formações diaspóricas de brasileiros pode ser detectada em um contexto não literário, como o já citado trabalho de Linger (2001), ou por meio dos estudos do governo do Brasil, que registram a dispersão de brasileiros no mundo.⁶ Nesse sentido, pode-se afirmar que há um histórico de dispersão – aspecto primordial da diáspora – iniciada no Brasil, a partir da década de 80.

Na segunda característica da lista de Cohen (1995), o autor estabelece três possibilidades para a geração de uma diáspora: a necessidade de trabalho, o comércio ou as ambições coloniais. Em *Circle K Cycles*, a ida dos nipo-brasileiros para o Japão se deve à falta de trabalho no Brasil e à necessidade de mão-de-obra barata no Japão. Enquanto, no Brasil, os anos 80 são a “década perdida”, no Japão a economia vive um período de intenso crescimento. Nesse cenário, o Estado japonês cria mecanismos que favorecem a entrada de niseis e sanseis. Juntos, o desemprego brasileiro e a oferta de trabalho no Japão são os impulsos que desencadeiam a diáspora: “Desde 1990, um número crescente de nipo-brasileiros e suas famílias vêm imigrando para o Japão como operários contratados para trabalhar nas inúmeras fábricas” (YAMASHITA, 2001, p. 13-14). Os primeiros conflitos surgem no campo profissional: “Suas vidas no Brasil devem ter sido muito diferentes; eles, provavelmente, nunca trabalharam em uma fábrica antes. Agora, eles giram em torno dos três Ks: Kitanai, Kitsui e Kigen. Trabalho considerado sujo, difícil e perigoso” (YAMASHITA, 2001, p. 32). Ao serem submetidos a trabalhos subalternos, os nipo-brasileiros tem a auto-estima afetada, situação agravada pelo desprezo da sociedade japonesa.

Entretanto, os decasségus⁷ desenvolvem estratégias de sobrevivência, como em qualquer diáspora. Para Cohen (1995), uma diáspora pode se deparar com uma sociedade pluralística, que aceita, ou ao menos tolera e negocia sua presença ou então se vê em um ambiente hostil. Resguardadas as diferenças históricas, esta última condição é a que melhor se aplica à diáspora brasileira em *Circle K Cycles*.

A análise das relações da diáspora com o país hospedeiro, porém, deve ser precedida de um comentário sobre os laços com a terra natal. Safran (1991) considera essa relação fundamental para a diáspora. Crítico do trabalho de Safran (1991), Clifford (1994) reduz

a necessidade de se colocar a relação entre diáspora e terra natal como prioridade na teoria da diáspora: “Tenho assinalado, por exemplo, que as conexões transnacionais ligando diásporas não precisam ser articuladas primariamente por meio de uma terra natal real ou simbólica – pelo menos não no grau que Safran sugere” (CLIFFORD, 1994, p. 219). A ideia que prevalece, desse modo, é a de não atribuir um valor excessivo à relação entre a diáspora e a terra natal.

Porém, não haveria como ignorar essa questão em *Circle K Cycles*, em que verificamos a tendência em se criar mitos coletivos sobre a pátria, aspecto típico da maioria das diásporas, imagem que se reforça pelos aspectos culturais preservados como a comida, o futebol e a música.

Assim, o Brasil imaginado pelo sujeito diaspórico é vinculado à afetividade. A saudade é potencializada pelo fato de que muitos imigram sozinhos, fazendo da manutenção dos laços familiares uma prioridade, uma questão de sobrevivência, e o principal elo com a terra natal: “Jorginho, você sabe que eu dou a maior parte do dinheiro que eu ganho pra minha mãe, coitada, pras despesas. Ela manda todo o dinheiro dela pro Brasil” (YAMASHITA, 2001, p. 25). Esta fala, da personagem Miss Hamamatsu, ilustra o caso de milhares de decasségus no Japão, comprometidos em sustentar entes queridos no Brasil.

Yamashita também discorre sobre a relação do sujeito diaspórico com a comida. O arroz com feijão é como o *Gohan* para os japoneses: a comida sagrada de cada dia, o alimento do povo, associados à terra natal: “O que é que a comida da sua terra natal, da cozinha da sua mãe, te proporciona? Por que a desejamos tanto? Por que nosso paladar nos atrai para o lar? Será que a comida da mamãe era tão boa assim?” (YAMASHITA, 2001, p. 83). Além de demonstrar que a comida amarra os laços afetivos, esses

questionamentos também direcionam minha análise para o fato de que a ligação entre a comunidade diaspórica nipo-brasileira e o Brasil deve também ser apreendida em termos culturais, como comenta Clifford (1994): “as culturas da diáspora operam no sentido de manter a comunidade, preservando e recuperando tradições de forma seletiva, adaptando-as e apresentando novas versões delas, híbridas e, frequentemente, antagônicas” (CLIFFORD, 1994, p. 230). Em *Circle K Cycles*, o processo de desenvolvimento e vivência de uma cultura de diáspora tem ampla representação. Um bom exemplo é o jogo de futebol da seleção brasileira em Osaka.

Nesse caso, o olhar da narradora não cai na armadilha do estereótipo do “país do futebol”. Para ela, o jogo dá margem a outras percepções. Com a atenção voltada para o entorno do acontecimento central, Yamashita descreve o comportamento dos brasileiros ainda no carro: “É uma jornada de três horas pela *kosoku* [rodovia] até Osaka. São também três horas contando casos. Há piadas e histórias de “pegadinhas”, revelando uma infância cheia de humor inimaginável no Japão ou até mesmo nos EUA” (YAMASHITA, 2001, p. 130). No estádio, grupos de brasileiros dançam a “dança da garrafa”. Alguns japoneses participam, deixando-se contagiar pela alegria e bom humor. Antes do jogo, “as coisas começam a esquentar no front. Um grupo de samba está tocando tambor. Os brasileiros não conseguem ficar sem os seus ritmos. A baderna barulhenta e a farra são contagiantes” (YAMASHITA, 2001, p. 132).

A espontaneidade dos casos e piadas, a interatividade, a dança e a música são características culturais atribuídas aos brasileiros, detectadas pela narradora no dia do jogo da seleção brasileira. O retrato da explosão cultural dá o tom da relação entre a diáspora brasileira e a terra natal: o mito que se forma em torno da pátria é fundamentado em práticas culturais de nuances descontraídas e festivas. Mas a exuberância da folia descrita conduz a

um questionamento: que Brasil é esse que os decasségus têm em mente? A reprodução de certos padrões culturais brasileiros no Japão revela a necessidade da recriação nostálgica da terra natal. Extravasar esse desejo resulta na festa feita no estádio, simbolizando a reprodução de um Brasil que está na memória coletiva da comunidade diaspórica. De fato, Safran (1991) afirma que comunidades diaspóricas desenvolvem memórias coletivas e uma perspectiva comum sobre a terra natal, tendendo a fazer da pátria um mito. Na partida de futebol de *Circle K Cycles*, o Brasil é imaginado como pátria ideal, sendo a pobreza e o desemprego esquecidos temporariamente. Ao final do jogo, muitos ainda vão pegar o turno da noite nas fábricas e o encanto se desfaz.

O jogo de futebol em *Circle K Cycles* revela uma “modalidade brasileira” de ligação entre a diáspora e a terra de origem, levando-nos a outra característica da diáspora: o desejo do retorno. Podendo se concretizar ou não, o retorno é uma aspiração que alimenta a comunidade diaspórica, como Safran (1991) assinala. Para ele, o retorno se transforma em um mito, assim como a terra natal. Nesse aspecto, Safran e Cohen têm entendimentos semelhantes: na diáspora, ocorre “o desenvolvimento de um movimento de retorno que adquire uma aquiescência coletiva” (COHEN, 1999, p. 274).

Em *Circle K Cycles*, o mito do retorno é construído por um aparato que aprisiona os decasségus em uma armadilha de visões distorcidas sobre a terra de origem e sobre o país hospedeiro. A motivação inicial para a emigração – a busca de solução para o desemprego – não garante melhor qualidade de vida em terras japonesas, como na história de Zé Maria Fukuyama, que recebe uma promessa de boa remuneração e moradia. No Japão, “eles o colocaram junto com outros sete homens em um apartamento de dois quartos, num bangalô de latão pré-fabricado” (YAMASHITA, 2001, p. 35). Zé Maria é mais um decasségui ludibriado, obrigado a trabalhar “longas

horas, semanas de seis, até sete dias, assumindo horas extras, sem feriados, durante meses a fio” (YAMASHITA, 2001, p. 14). Sob estas condições, o retorno se torna mais almejado.

Zé Maria também narra como o anseio pelo retorno é manipulado pelos jornais publicados no Japão para o público brasileiro: “Como a imprensa sobrevive de anúncios pagos pelas empreiteiras, agências de viagens, bancos, agências de despachantes e companhias telefônicas, o clima estará *sempre* favorável ao retorno e, ao mesmo tempo, *nunca* estará bom para voltar” (YAMASHITA, 2001, p. 34). Zé Maria é um dos poucos cientes das incertezas causadas pelos meios de comunicação, que mantêm o sonho de retorno dos decasségus e, ao mesmo tempo, induzindo-os a permanecerem por mais tempo. Peças fundamentais de um esquema de convencimento, os jornais também contam histórias de decasségus bem-sucedidos e trazem anúncios de empresas brasileiras interessadas em captar os recursos economizados por estes trabalhadores: “Imóveis no Brasil – Sua propriedade no Brasil. Boa oportunidade para compra de populares (*sic*) no Grande ABC” (YAMASHITA, 2001, p. 50).

Ao anunciarem nos jornais direcionados ao decasségui, as construtoras brasileiras exploram o desejo coletivo de reconstituição do lar na terra natal, simbolizado pela aquisição da casa própria. Voltar, entretanto, pode não ser uma experiência bem sucedida, o que pode ser confirmado tanto nos estudos de Linger (2001) quanto na ficção de Yamashita: “Ao mesmo tempo em que alguns obtêm sucesso no restabelecimento de suas vidas no Brasil, muitos voltam ao Japão, tendo perdido seus investimentos ou sua capacidade de reintegrar-se à vida brasileira” (YAMASHITA, 2001, p. 14).

Enquanto negociam o desejo e a impossibilidade do retorno, a comunidade diaspórica vive o dia-a-dia no país hospedeiro. Para Cohen (1999), a diáspora apresenta

“uma relação conturbada com a sociedade anfitriã, sugerindo, pelo menos, uma falta de aceitação ou a possibilidade de que outra calamidade possa advir ao grupo” (COHEN, 1999, p. 274). Yamashita registra, assim como Linger (2001), um estilo de “hostilidade contemporânea” praticada pela sociedade e pelo governo do Japão. As autoridades japonesas querem controlar a atividade dos estrangeiros, emitindo vistos que permitem apenas trabalhos inferiores: “Tanto o governo quanto as empresas esperavam encontrar uma forma de repor a falta de mão-de-obra industrial não especializada” (YAMASHITA, 2001, p. 13). A forma como o Japão manipula a entrada e a atividade de brasileiros é equivalente ao que Safran (1991) teoriza: “Os integrantes de comunidades diaspóricas são, de forma alternada, maltratados pelo país anfitrião [...] e explorados em favor dos interesses domésticos e diplomáticos” (SAFRAN, 1991, p. 373). A lei de Imigração de 1990 inicia uma relação exploratória entre país hospedeiro e comunidade diaspórica, fruto de um “capitalismo pária”. Esta expressão, que aqui emprego para caracterizar a diáspora brasileira, é cunhada por Safran (1991) para discutir as diásporas armênia, judaica, indiana e a chinesa. O autor as vê situadas entre um país hospedeiro desenvolvido e a terra de origem subdesenvolvida. O lugar intermediário de que fala Safran (1991) é semelhante ao ocupado pela diáspora brasileira em *Circle K Cycles*.

Além do governo japonês, outros setores da sociedade têm práticas hostis e xenófobas, explícitas em um anúncio público feito em uma loja: “Atenção, compradores e balconistas! Estrangeiros entraram na loja. Compradores, por favor, cuidem da segurança de seus pertences pessoais. Balconistas, por favor, fiquem alertas para possível roubo de mercadorias” (YAMASHITA, 2001, p. 47). O imperador do Japão, em visita ao Brasil, declara: “Ficarei muito feliz se isso [o fenômeno decasségui] resultar em oportunidades para maior intercâmbio entre os povos de nossos países. Espero que sua estada no Japão seja

frutífera e que eles possam fazer bons amigos antes de voltar ao seu país” (YAMASHITA, 2001, p. 49). Não é de se admirar, portanto, que a comunidade diaspórica brasileira, no Japão, assim como outras diásporas, “acredite que não seja, e que talvez não possa ser, totalmente aceita pela sociedade anfitriã e que, por isso, se sinta parcialmente excluída e insulada dela” (SAFRAN, 1991, p. 364).

As atitudes discriminatórias da sociedade japonesa não deixam alternativas aos brasileiros, que reagem construindo para si uma rede de ajuda mútua: “Rapidamente montaram pequenos negócios; serviços como programas educacionais, creches, serviços jurídicos e de documentação, associações e redes de todos os tipos, incluindo times de futebol, cyber cafés e escolas de samba” (YAMASHITA, 2001, p. 14). Tantas iniciativas ilustram que a comunidade brasileira é composta por indivíduos que desejam e necessitam estar juntos, apresentando uma consciência de grupo. Segundo Cohen (1999), estas são características das diásporas. Para o autor, comunidades diaspóricas apresentam uma consciência étnica forte, sustentada por um período longo e baseada em um senso de distinção e de história comum. As personagens de *Circle K Cycles* constituem, em diversos aspectos, um grupo étnico. Não há dúvidas, por exemplo, que se veem como diferentes e são, além disso, vistos como tal pelos observadores externos. Outros aspectos identitários comuns a grupos étnicos são o apego à língua materna, à comida e sua ancestralidade comum.

A língua portuguesa é um elemento relevante na composição do grupo. Célia é professora de português para filhos de brasileiros nascidos no Japão. Seu “ofício diaspórico” aproxima a menina Iara de sua mãe, que não domina o idioma japonês: “Alice pensava como falar português tinha mudado a relação entre Fátima e sua filha. Era como se estivessem tentando compensar todo o tempo que Fátima passava

trabalhando longe de Iara” (YAMASHITA, 2001, p. 88). A necessidade de aulas de português na comunidade nipo-brasileira confirma a relevância da língua ancestral para a nova geração, que a utiliza no lar. Yamashita também utiliza o português como língua narrativa em *Circle K Cycles*, mesclada ao inglês e ao japonês. Folhear as páginas do livro gera, além da curiosidade, uma sensação de estranheza advinda de uma compreensão parcial. O leitor nativo da língua inglesa se depara com os caracteres que compõem a língua japonesa e com textos e expressões em português, que nem sempre são traduzidos. O efeito desta combinação provoca o leitor, obrigando-o a uma experiência, no mínimo, desconcertante: da mesma forma que os personagens nipo-brasileiros no Japão, ele precisa lidar e conviver com signos desconhecidos, tentando compreendê-los.

Outro elemento citado como característica de um grupo étnico é a comida. Para Yamashita, “no núcleo de cada existência brasileira, no Japão, você encontra comida. Às vezes, é um restaurante; às vezes, uma cantina, ou supermercado, ou um karaokê” (YAMASHITA, 2001, p. 83). A demanda pela comida brasileira que a narradora observa nos decasségus é uma forma de apego da comunidade diaspórica à terra natal. A culinária tradicional brasileira, associada à afetividade do lar materno, instiga a narradora: “A comida da mamãe era tão boa assim?” (YAMASHITA, 2001, p.83). A resposta a esta pergunta poderá ser positiva, se considerarmos a carga afetivo-cultural que o ato de cozinhar e a comida trazem, no âmbito familiar. Os jovens decasségus, por exemplo, rejeitam a comida japonesa, alegando que ela “não sustenta”.

3. Conclusão

Circle K Cycles descreve, portanto, um caso de diáspora. Para Cohen (1999), uma diáspora pode ser detectada de acordo com até nove características, ressaltando que

“nenhuma diáspora vai manifestar todos os aspectos” (COHEN, 1999, p. 274). A história dos decasségus de *Circle K Cycles* preenche, com coerência, a maioria dos aspectos listados pelo autor.

Uma característica que não é ilustrada pela diáspora brasileira é a conexão internacional entre comunidades diáspóricas de uma mesma origem (Cohen, 1999, p. 274). Estariam os sujeitos de outras diásporas mais interconectados que os brasileiros de *Circle K Cycles*? Haveria, neste caso, diásporas “mais diaspóricas” que a brasileira? Pela análise desenvolvida, pode-se concluir que as ligações e o senso de coletividade entre os brasileiros também existem, mas são histórica e culturalmente específicos. Nesse aspecto, é relevante notar como Yamashita desconstrói, de forma perspicaz, os estereótipos tanto de brasileiros quanto de japoneses. A autora percebe o choque cultural no encontro de brasileiros e japoneses no condomínio residencial Homi-Danchi, que “dá uma sensação de um silêncio opressivo – o som das pessoas adormecidas que trabalham no turno da noite, o som de uma maioria calada que quer, a qualquer custo, ser aceita, o som de gente tentando realmente ficar em silêncio” (YAMASHITA, 2001, p. 16). O silêncio reinante no condomínio sugere um confinamento sócio-cultural que, ironicamente, aprisiona tanto brasileiros, pressionados pelas regras a que não estão acostumados, quanto japoneses, que seguem as determinações por sua imensa necessidade de serem aceitos.

Com relação à opção de recorte teórico feita, percebe-se que, ao afirmarem com veemência o caráter coletivo da diáspora, Safran (1991) e Cohen (1995, 1999) podem perder de vista a dimensão individual que também deve ser analisada no contexto da diáspora. A diáspora não deve ser teorizada apenas a partir de laços que reúnem indivíduos em grupos para que não se torne incompleta ou insuficiente como

metodologia de pesquisa. Além disso, notamos que a representação literária, na obra de Yamashita, também atenta para a questão da “falsa” coesão de grupo. Em *Circle K Cycles*, muitas características de grupo são construções patrocinadas pelo Estado-Nação brasileiro. Vale lembrar também que Sudesh Mishra (2002) ressalta que nem Safran (1991) nem Cohen (1995, 1999) parecem “sentir a necessidade de refletir criticamente sobre os perigos de se representar diásporas-modelo como coletividades étnicas neutras em questões de classe, gênero e gerações” (MISHRA, 2002, p. 17). É como se projetassem a terra natal e o país hospedeiro como entidades territoriais fixas e homogêneas.

Outra consideração final, que se revela uma contradição, nasce de minha proposta inicial: examinar a diáspora brasileira tomando por base textos teóricos que, frequentemente se valem das características das diásporas clássicas. Não fazer referências a elas é uma tarefa impraticável, ao mesmo tempo em tê-las como único parâmetro é inviável. Tomemos como exemplo a relação entre diáspora, terra natal e país hospedeiro: em *Circle K Cycles*, tal relação é perpassada pela influência do Estado-Nação na comunidade diaspórica, ao passo que, em diásporas clássicas, essa relação precede a formação dos estados nacionais. Portanto, a fim de compreender melhor uma diáspora que ocorre na era moderna, é preciso analisar com afincos o papel do Estado-Nação, uma questão para futuras pesquisas.

ABSTRACT: The intent of this work is to offer a discussion of diaspora, outlined by its consensual features found in the studies of theorists such as Safran (1991), Tölölyan (1996), Clifford (1994), and Cohen (1995, 1999). Here I emphasize the need of a more accurate use of the term diaspora. Simultaneously, I analyze the fictional representation of a Brazilian diasporic formation in *Circle K Cycles*. In this book, by Japanese-American

Karen Yamashita, I identify and problematize diaspora through the means of characteristics such as the dispersion and its reasons, the relationship with the homeland, conflicts in the hostland, the myth of return and the ethnic group consciousness.

Keywords: diaspora, Japanese-Brazilians, Karen Yamashita

REFERÊNCIAS

BRAH, Avtar. Diaspora, Border and Transnational Identities. In: _____. *Cartographies of Diaspora, Contesting Identities*. London and New York: Routledge, 1996. p. 178-248.

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Tradução de Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.

CHALIAND, Gerard; RAGEAU, Jean-Pierre. *The Penguin Atlas of the Diasporas*. New York: Viking, 1997. p. xiii- xxi.

CLIFFORD, James. Diaspora. *Journal of Cultural Anthropology*, Troy, NY, v.3, n.9, p. 302-38, 1994.

COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from Victims to Challengers. In: _____;

VERTOVEC, Steven. (Eds). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 266-278.

_____. Rethinking 'Babylon': Iconoclastic Conceptions of the Diasporic Experience. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin.(Eds). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1995. p. 252-265.

DECASSÉGUI. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001. Versão 1.0, 1 CD-ROM.

DUFOIX, Stéphane. The Spaces of Dispersion. In: _____. *Diasporas*. Tradução de William Rodarmor. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 35-58.

HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications, 1997. 408 p. (Coleção Culture, Media and Identities).

HIGUCHI, Naoto. Brazilian Migration to Japan: Trends, Modalities and Impact. In: Expert Group Meeting on International Migration and Development in Latin America and The Caribbean. 2005, Mexico City. *Population Division*. Disponível em: <http://www.un.org/esa/population/meetings/IttMigLAC/P11_Higuchi.pdf> Acesso em: 15 de ago. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. *Brasileiros residentes no exterior*. Brasília, 2000. p. 21. Acesso em: 04 Abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/atlas/pag021.pdf>>.

LINGER, Daniel T. Do Japanese Brazilians Exist? In: LESSER, Jeffrey (Ed.) *Searching for Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism*. Durham: Duke University Press, 2003. p. 201-14.

_____. *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan*. Stanford: Stanford University Press, 2001. 342 p.

MISHRA, Sudesh. Diaspora Criticism. In: WOLFREYS, Julian (Ed.). *Introducing Criticism at the 21st Century*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002. p.13-36.

SAFRAN, William. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homelands and Return. *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*. Toronto: University of Toronto Press, v.1, n.1, p. 83-99, 1991.

TÖLÖLYAN, Khachig. Rethinking *Diaspora(s)*: Stateless Power in the Transnational Moment. *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*. Toronto: University of Toronto Press, v. 5, n. 1, p. 3-36, 1996.

YAMASHITA, Karen T. *Circle K Cycles*. Minneapolis: Coffee House, 2001. 147 p.

¹ Essa e as demais traduções neste artigo são nossas.

² Cf. TÖLÖLYAN, Khachig. The Nation-State and its Others: in Lieu of a Preface. *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*. Toronto: University of Toronto Press, v. 1, n. 1, p. 5, 1991.

³ Fazemos referência ao contexto europeu, a partir do fim do século XVIII, quando tem início o processo de consolidação de estados nacionais como França, Inglaterra, Alemanha e Itália.

⁴ Este trabalho de Safran foi reproduzido na coletânea *Migration, Diasporas and Transnationalism*, organizada por Robin Cohen e Steven Vertovec (1999).

⁵ Na última contagem do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia 224.970 brasileiros no Japão, 454.501 no Paraguai e 799.203 nos Estados Unidos.

⁶ Cf IBGE <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/atlas/pag021.pdf>

⁷ Decasségui é “aquele que se fixa, mas apenas temporariamente, no Japão, para trabalhar frequentemente como mão-de-obra direta” (HOUAISS).